

SITUAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA DOS KRAHÔ DE PEDRA BRANCA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FACILIDADE LINGÜÍSTICA EM LÍNGUA MATERNA E LÍNGUA PORTUGUESA

SOCIOLINGUISTIC SITUATION OF THE PEDRA BRANCA KRAHÔ: CONSIDERATIONS ON LINGUISTIC FLUENCY IN MATERNAL AND PORTUGUESE LANGUAGES

Marta Virginia de Araujo Batista Abreu¹

Francisco Edviges Albuquerque²

RESUMO

Os Krahô habitam entre os rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, afluentes da margem direita do Rio Tocantins. A Terra Indígena Krahôlândia foi homologada pelo Decreto-Lei nº 99.062, de 07 de março de 1990 e fica localizada entre os municípios de Goiatins e Itacajá, no noroeste do Estado do Tocantins. O objetivo consistiu em descrever a situação sociolinguística dos Krahô da aldeia Pedra Branca, observando a facilidade linguística em Língua Krahô e em Língua Portuguesa. Para isso, realizamos um levantamento sociolinguístico que descreveu aspectos da situação sociolinguística dos Krahô de Pedra Branca, observando a atitude e o conhecimento dos Krahô com relação às duas línguas, Krahô e Português. A pesquisa é do tipo etnográfica, utilizando-se do método fenomenológico e da abordagem metodológica quali-quantitativa. O estudo foi realizado com base na pesquisa de campo, que teve como instrumentos a observação participante, o diário de campo e a aplicação de questionário, este último elaborado com base em pesquisas de Fishman (1967, 1980), extraído de Braggio (1992) e de Muñoz (1991), e adaptado por Albuquerque (1999). Os resultados apontam que a sociedade Krahô, mesmo diante da situação de conflito linguístico e intercultural em que se encontra, tenta resistir às influências culturais e linguísticas, mantendo sua língua, suas atividades culturais e seus saberes tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Krahô. Situação sociolinguística. Facilidade linguística.

ABSTRACT

The Krahô live between the Manoel Alves Grande and Manoel Alves Pequeno rivers, tributaries of the right bank of the Tocantins River. The Krahôlândia Indigenous Land was approved by Decree-Law No. 99.062, of March 7, 1990 and is located between the municipalities of Goiatins and Itacajá, in the northwest of the State of Tocantins. The goal of the present paper is to describe the sociolinguistic situation of the Krahô in the Pedra Branca village, observing the relative fluency with which the Krahô and the Portuguese languages are used by members of the community. For this, we carried out a sociolinguistic survey that described aspects of the socio-linguistic situation of the Krahô de Pedra Branca, observing the attitude and knowledge of the Krahô in relation to the two languages, Krahô and Portuguese. The research is ethnographic, using the phenomenological method, and both the qualitative and quantitative methodological approaches. The study was carried out based on field research, which had as instruments the participant observation, the field diary and the application of a questionnaire, the latter was elaborated based on research by Fishman (1967, 1980), extracted from Braggio (1992) and de Muñoz (1991), adapted by Albuquerque (1999). The results show that the Krahô society, despite the situation of linguistic and intercultural conflict in which it finds itself, tries to resist cultural and linguistic influences, maintaining its language, its cultural activities and its traditional knowledge.

KEYWORDS: Krahô people. Sociolinguistic situation. Mother tongue.

¹ Universidade Federal do Tocantins (UFT), martavirginia@mail.uft.edu.br, <https://orcid.org/0000-0002-5304-570X>.

² Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), fedviges@uol.com.br, <https://orcid.org/0000-0002-0004-1887>.

Introdução

Em nosso trabalho, apresentamos um estudo sobre o povo indígena Krahô de Pedra Branca. A pesquisa em tese está ligada ao Laboratório de Línguas da UFT (LALI) e tem como principal objetivo descrever a situação sociolinguística dos Krahô de Pedra Branca, observando a facilidade linguística em Língua Krahô e em Língua Portuguesa. O referencial teórico desse trabalho traz autores da área da Sociolinguística, como Hamel (1988) e Albuquerque (1999, 2011, 2016). Como embasamento teórico, no que diz respeito ao Bilinguismo, destacamos Fishman (1967) e Grosjean (1982). E para o levantamento e descrição de dados, os estudos de Fishman (1967, 1980), Muñoz (1991), Braggio (1992), Abreu e Albuquerque (2018, 2020) e Albuquerque (1999, 2008, 2015) serviram de subsídios.

Para levantamento de nossos dados, aplicamos um questionário que tem como fundamentação teórica a pesquisa de Fishman (1967, 1980). Esse questionário extraído de Braggio (1992)³ e de Muñoz (1991) foi adaptado por Albuquerque (1999)⁴. Possui 37 perguntas de caráter sociolinguístico e é dividido em três sessões: informações pessoais, facilidade linguística em Língua Materna Krahô e facilidade linguística em Língua Portuguesa. Os questionários foram aplicados em diversos domínios sociais, como escola, casa, pátios, dentre outros. Durante a aplicação do questionário sociolinguístico, participamos das aulas nas escolas, das festas tradicionais, reuniões e demais atividades do cotidiano desse povo. A análise dos dados colhidos nesses momentos foi realizada de forma quali-quantitativa, com base na pesquisa de campo, e teve como instrumentos a observação participante, questionários e diário de campo. A pesquisa foi baseada em estudos sociolinguísticos - o que nos possibilitou compreender melhor a relação existente entre a língua materna e o português nos diversos domínios sociais Krahô.

As indicações percentuais dos resultados foram feitas por meio da quantificação das respostas. Fizemos a contagem do número de respostas de cada questionário, essas respostas foram agrupadas

³ Em 1989, conforme o segundo autor deste artigo, a professora Silvia Bigonjal Braggio aplicou um questionário, para fim de diagnóstico sociolinguístico, aos povos indígenas do então estado de Goiás, com o objetivo de verificar que tipo de educação escolar indígena seria implantada para esses povos, por meio do projeto de capacitação de professores indígenas do estado de Goiás. Naquela época, havia no estado 8 povos indígenas, a saber: Awa Canoeiro, Tapuia, Javaé, Karajá, Karajá Xambioá, Xerente, Apinajé e Krahô. Desses, apenas os Tapuia e os Karajá Xambioá usavam o português nas interações intragrupos. O questionário de Braggio foi aplicado a todos os povos indígenas supracitados, tendo sido integrado a Braggio (1992).

⁴ Albuquerque (1999) adaptou o questionário de Braggio especificamente para aplicação ao povo Apinajé, com vista ao levantamento sociolinguístico referente a esse povo. O questionário adaptado tomou por base as pesquisas do IBGE, com realização por amostragem, considerando 20% da população e usando as variáveis intralinguísticas de sexo e idade. Aliado a isso, houve a necessidade de se lidar com a situação de casamentos mistos entre indígenas e não indígenas e indígenas de outros povos. Assim, as crianças filhas de casamentos mistos são bilíngues sucessiva e simultaneamente. Com relação às variáveis intralinguísticas de sexo e idade de 40 anos ou mais, foram considerados todos os indígenas nessa faixa. Vale registrar uma observação sobre um possível olhar mais específico para os mais idosos, de comportamento sociolinguístico distinto daquele das demais gerações em vários povos indígenas. No caso Apinajé, há um número muito menor de idosos. Caso fosse criada uma faixa etária específica, para reunir pessoas de muito mais idade, isso importaria em lidar com uma baixa quantidade de idosos, o que geraria desequilíbrios e comprometeria a própria amostra. Esta é a justificativa para a opção de reunir em uma única faixa etária, no caso Apinajé, os maiores de quarenta anos. (informação de Albuquerque, segundo autor).

em tabelas que quantificaram os dados. No total, foram produzidas 19 tabelas, tendo em seu interior o número a que cada uma corresponde. Cada tabela contém os dados referentes à aldeia pesquisada, questão a ser respondida, gênero e faixa etária. Para cada pergunta, foram construídas duas tabelas, sendo uma para cada gênero. A análise das tabelas forneceu os resultados que estão nos comentários e nas considerações do trabalho. As explicações, feitas após a apresentação de cada tabela, têm como objetivo descrever os dados e destacar os aspectos considerados mais relevantes para a pesquisa.

1. Diagnóstico sociolinguístico: Descrição dos dados

Sobre a população das aldeias Krahô que participou da nossa pesquisa, os dados do Distrito Sanitário Especial Indígena - DSEI/TO (2020) demonstram que a aldeia Pedra Branca possui uma população aproximada de 315 habitantes, sendo 167 homens e 148 mulheres. Em nossa pesquisa, entrevistamos 20% da população da aldeia. De ambos os gêneros, a faixa etária dos entrevistados divide-se em crianças, adolescentes, jovens e adultos, sendo dividida da seguinte forma: crianças: de 8 a 12; adolescentes de 13 a 18; jovens 19 a 39; e adultos com 40 anos ou mais, incluindo os anciões⁵. A amostra de indígenas pesquisados foi composta de forma bastante equilibrada no que diz respeito ao gênero, como veremos a seguir.

Na aldeia Pedra Branca foram entrevistados 63 indígenas, desse número, 33 são do gênero masculino e 30 são do gênero feminino, representando 53% e 47% do total, respectivamente⁶. A população masculina, que tem idade entre 8 e 12 anos, representa 3%; já os com faixa etária de 13 a 18 anos são 21%; dos 19 aos 39 temos um percentual de 52% e com 40 anos ou mais de idade, o percentual é 24% do total dos entrevistados. Enquanto que do gênero feminino, temos, na faixa etária de 8 a 12 anos, 26%; com a idade entre 13 e 18 anos representam 17%; já com a faixa entre os 19 e 39 temos um percentual de 47% e com a idade de 40 anos ou mais o percentual é de 10%.

A tabela 1 reflete esses dados:

Tabela 1: Aldeia Pedra Branca - População Pesquisada

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Masculino	01	07	17	08	33	53
Feminino	08	05	14	03	30	47
Total	09	12	31	11	63	100

2. Facilidade Linguística em Língua Materna Krahô

Nesta seção, abordaremos as questões sobre a facilidade linguística em Língua Materna Krahô, tais como:

⁵ A quantidade de idosos Krahô em Pedra Branca é baixa.

⁶ No que diz respeito ao total de indígenas pesquisados, a amostra é equilibrada quanto ao gênero. No interior de faixas etárias de extremidade (8 a 12 anos e 40 anos ou mais), o equilíbrio quanto ao gênero é objetivado, porém delicado, sobretudo em comunidades menores, porque facilmente afetado por natalidade e morte, que pesquisadores não têm como controlar.

- Facilidade em entender uma conversação em Krahô
- Facilidade em falar Krahô
- Facilidade de ler em Krahô
- Facilidade de escrever em Krahô

Os dados revelam que os Krahô, independente de faixa etária ou de gênero, entendem e falam fluentemente sua língua materna, tanto nas interações intragrupo⁷, como no processo de leitura e escrita. Nos relatos dos indígenas entrevistados, pudemos observar uma forte política linguística de incentivo à manutenção da língua e da cultura indígenas nos diversos domínios sociais Krahô.

Nas tabelas a seguir, podemos constatar essas informações.

2.1. Facilidade em entender uma conversação em Krahô

Tabela 2: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de entender uma conversação em Krahô

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Masculino						
Sim	01	07	17	08	33	100
Não	-	-	-	-	-	-
Um pouco	-	-	-	-	-	-
Total	01	07	17	08	33	100

Tabela 3: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de entender uma conversação em Krahô

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Feminino						
Sim	08	05	14	03	30	100
Não	-	-	-	-	-	-
Um pouco	-	-	-	-	-	-
Total	08	05	14	03	30	100

De acordo com os dados apresentados, 100% da população pesquisada entende perfeitamente uma conversação em língua indígena. Esses dados refletem numa política de fortalecimento de língua e da cultura Krahô na aldeia pesquisada, visto que estes povos mantêm sempre a língua materna nas interações intragrupos nos diversos domínios sociais da comunidade. Assim, todos os indígenas participantes da pesquisa preservam a sua língua materna e lutam para que esta também seja preservada no futuro. De acordo com Spolsky (1998), os direitos linguísticos garantem, aos falantes de uma determinada língua, o direito de lutar pela sua preservação e manutenção. A esses falantes também é

⁷ De acordo com Albuquerque (1999), interações intragrupos são relações que acontecem dentro de um determinado grupo, que se manifestam nas ligações internas com os membros desse grupo. Nas interações intragrupos os membros, geralmente, compartilham das mesmas normas, línguas, regras, crenças, valores, atitudes e papéis.

assegurado o direito de se oporem a possíveis mudanças linguísticas que, porventura, possam causar algum prejuízo ou dano à sua língua.

Entre os Krahô, existe uma política de manutenção de sua língua como forma de preservar a sua identidade e fortalecer a cultura. Notadamente, essa política é um dos fatores determinantes para que a Língua Materna Krahô tenha sobrevivido ao longo desses anos de contato com a sociedade brasileira. O povo Krahô consegue manter a sua língua fortalecida, mesmo em contato direto com as cidades mais próximas da reserva, além da entrada permanente de agências, como Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Companhia Independente de Polícia Militar Ambiental (CIPAMA), Secretaria de Educação e Cultura (SEDUC), Centro de Trabalho Indigenista (CTI), Funai, Funasa, Missões e pesquisadores não indígenas nas aldeias.

2.2. Facilidade em falar Krahô

Tabela 4: Aldeia Pedra Branca - Facilidade em falar a Língua Krahô

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Masculino						
Sim	01	07	17	08	33	100
Não	-	-	-	-	-	-
Um pouco	-	-	-	-	-	-
Total	01	07	17	08	33	100

Tabela 5: Aldeia Pedra Branca - Facilidade em falar a Língua Krahô

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Feminino						
Sim	08	05	14	03	30	100
Não	-	-	-	-	-	-
Um pouco	-	-	-	-	-	-
Total	08	05	14	03	30	100

De acordo com nossos dados, os Krahô entrevistados da aldeia Pedra Branca com idade entre 8 a 40 ou mais, tanto do gênero masculino quanto do gênero feminino, falam a Língua Krahô. Embora haja muitos fatores que poderiam contribuir para o enfraquecimento da língua materna, tais como as relações com a sociedade brasileira, a população das aldeias, em que realizamos nossa pesquisa, domina e fala fluentemente a Língua Krahô. Esse fator é positivo, tendo em vista que a sociedade Krahô mantém a tradição oral, na transmissão dos saberes tradicionais do povo, da cultura e dos afazeres do dia a dia. As mulheres têm um papel importante no ensino e manutenção da Língua Krahô, como também na educação dos filhos, buscando garantir que essa educação esteja dentro das tradições do povo Krahô.

Na concepção de Fishman (2006), o que também coopera efetivamente para a manutenção de uma língua, como no caso do Krahô, são os comportamentos sociolinguísticos que os falantes têm a respeito de sua língua materna. O que pode colaborar, igualmente, para que uma língua não desapareça são as ações, planejamentos e decisões tomadas pelos falantes como forma de assegurar a manutenção da língua.

Com base nos dados das tabelas e nas observações realizadas durante a pesquisa, podemos constatar que a sociedade Krahô da aldeia de Pedra Branca desenvolve ações permanentes de manutenção e fortalecimento de sua língua materna e da cultura, por meio dos rituais praticados nas diversas aldeias. Os dados revelam também que nessa sociedade a língua e a cultura são bem preservadas no que diz respeito à manutenção da língua falada, na transmissão dos conhecimentos e dos saberes tradicionais desse povo, além dos aspectos linguísticos e socioculturais.

2.3. Facilidade de ler em Krahô

Tabela 6: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de ler em Língua Krahô

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Masculino						
Sim	01	07	16	01	25	76
Não	-	-	01	04	05	15
Um pouco	-	-	-	03	03	9
Total	01	07	17	08	33	100

Tabela 7: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de ler em Língua Krahô

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Feminino						
Sim	08	05	12	-	25	83
Não	-	-	02	03	05	17
Um pouco	-	-	-	-	-	-
Total	08	05	14	03	30	100

Na aldeia Pedra Branca 76% dos homens têm facilidade de realizar uma leitura na Língua Krahô, 15% afirmam não ter facilidade e 9% têm um pouco de facilidade. Já as mulheres que têm facilidade representam 83%, enquanto as que não têm facilidade são 17%. Com relação a esta questão, podemos destacar a importância e o papel da escola dessa aldeia no processo de aprendizagem da leitura em língua materna deste povo. De acordo com Albuquerque, que em obra sobre a educação escolar Apinayé na perspectiva bilíngue e intercultural, reflete sobre a produção de textos elaborada por professores e alunos indígenas,

esses materiais fornecem dados importantes sobre as diferenças culturais indígenas e suas tradições permitindo que, através deles, a diversidade cultural do Estado do Tocantins torne-se mais evidente e possa ser mais respeitada e divulgada nacionalmente (ALBUQUERQUE, 2011, p. 73).

Devemos destacar que, na escola da aldeia Pedra Branca, os professores ministram as aulas de língua e cultura em língua materna Krahô, o que ocasiona um contato direto da leitura nessa língua. Nas aldeias Krahô, todas as crianças são alfabetizadas em Língua Krahô e, de acordo com o RCNEI (1998), isso ocorre desde o final da década de 1990. A língua indígena foi utilizada para alfabetizar os alunos porque foi observada a dificuldade “de alfabetizar um aluno em uma língua que eles não dominavam: o português”. Com efeito, a alfabetização em Língua Krahô torna a leitura nessa língua bem mais viável e mais fácil de ser aprendida.

É importante ressaltar que os materiais que estão disponíveis nas escolas em que realizamos as pesquisas, apesar de em número bastante reduzido, tornam-se necessários para que os alunos possam ter acesso aos conhecimentos de seu povo, na forma escrita. Ademais, esse material, quando trabalhado adequadamente pelos professores, revela-se como instrumento de manutenção e divulgação da língua e da cultura do povo Krahô, fazendo um contraponto ao grafocentrismo da Língua Portuguesa que se percebe com mais veemência nos domínios sociais indígenas.

2.4. Facilidade de escrever em Língua Krahô

Tabela 8: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de escrever em Língua Krahô

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Masculino						
Sim	01	07	15	02	25	76
Não	-	-	01	03	04	12
Um pouco	-	-	01	03	04	12
Total	01	07	17	08	33	100

Tabela 9: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de escrever em Língua Krahô

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Feminino						
Sim	08	05	12	-	25	83
Não	-	-	02	03	05	17
Um pouco	-	-	-	-	-	-
Total	08	05	14	03	30	100

Na aldeia Pedra Branca, 76% dos homens afirmaram ter facilidade de escrever na Língua Krahô, 12% acreditam que não têm facilidade e 12% afirmam ter um pouco de facilidade. Enquanto que 83% as mulheres dessa aldeia declaram que têm facilidade para escrever em sua língua e 17% delas dizem não ter facilidade na escrita em Língua Krahô. Nos relatos dos entrevistados, podemos observar que a escrita em Língua Krahô não se dá somente na escola. O uso da escrita em Língua Krahô, apesar de não ser algo tradicional, é uma prática muito utilizada entre eles, o que comprova que a Língua Krahô também tem, na modalidade escrita, uma função social para a comunidade.

O povo da aldeia Pedra Branca, em sua maioria, não apresenta dificuldades em escrever na Língua Krahô. Podemos afirmar que esse domínio da escrita possibilita a garantia da transmissão da cultura deste povo. Essa garantia é assegurada por meio do registro e documentação realizados pelos próprios indígenas. Na escola esse trabalho é importante, haja vista que nesse ambiente a escrita pode ser trabalhada de forma contextualizada. Sobre isso, O RCNEI diz:

para que a escrita faça sentido para os alunos, é preciso, pois, que eles se envolvam em atividades em que a linguagem escrita apareça contextualizada e sirva para comunicar alguma coisa como: apresentar-se e apresentar outra pessoa, cumprimentar e despedir-se, dar, pedir, e entender informações pessoais, convidar, aceitar ou recusar um convite, expressar, verbalmente, sentimentos e sensações de alegrias, tristeza, dor, raiva, etc RCNEI (1998, pp. 34-5).

Dessa forma, o uso da escrita em língua materna Krahô deve ser estimulado na escola, porque esta pode representar a realidade e os elementos indispensáveis à cultura deste povo. Nesse sentido, a escola torna-se também um importante elemento de incentivo à manutenção da Língua Krahô.

3. Facilidade Linguística em Língua Portuguesa

Nesta sessão abordaremos questões sobre a facilidade linguística do povo Krahô em Língua Portuguesa. Os entrevistados responderam aos seguintes temas:

- Facilidade em entender uma conversação em Língua Portuguesa
- Facilidade de falar em Língua Portuguesa
- Facilidade de ler em Língua Portuguesa
- Facilidade de escrever em Língua Portuguesa
- Língua mais fácil de aprender

3.1. Facilidade em entender uma conversação em Língua Portuguesa

Tabela 10: Aldeia Pedra Branca - Facilidade em entender uma conversação em Língua Portuguesa

Gênero Masculino	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Sim	-	-	09	06	15	45
Não	-	-	-	-	-	-
Um pouco	01	07	08	02	18	55
Total	01	07	17	08	33	100

Tabela 11: Aldeia Pedra Branca - Facilidade em entender uma conversação em Língua Portuguesa

Gênero Feminino	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Sim	02		04	02	08	27
Não	-	-	-	-	-	-
Um pouco	06	05	10	01	22	73
Total	08	05	14	03	30	100

As tabelas de números 10 a 19 apresentam os dados referentes à facilidade que o povo Krahô tem em entender uma conversação em Língua Portuguesa. Os dados revelam que a Língua Portuguesa, para o povo Krahô, é funcional e que representa uma possibilidade de interação e conhecimento mais aprofundado da cultura e dos conhecimentos da sociedade dominante, por isso eles têm grande interesse em adquiri-la e dominá-la. Essa situação reflete fatores socioculturais e políticos que podem ter influenciado esse pensamento.

Na aldeia Pedra Branca, 45% dos homens afirmam entender bem uma conversação em Língua Portuguesa, e 55% entendem um pouco. Enquanto que um pequeno número de mulheres (27%) afirma que entende bem, um número considerável (73%) diz entender um pouco uma conversa em Língua Portuguesa. Muitos dos entrevistados afirmaram que têm um contato direto com o português desde pequeno e que a aquisição deste é importante para manter relações pessoais e de trabalho com os não indígenas.

O levantamento sociolinguístico demonstra que a maioria dos Krahô entende uma conversação em Língua Portuguesa, embora alguns tenham respondido que entendem apenas um pouco desta língua. Nenhum entrevistado afirmou não falar a Língua Portuguesa. Ao realizarmos as entrevistas pudemos constatar a facilidade que os Krahô apresentam em falar a Língua Portuguesa. Algumas mulheres responderam que entendem apenas um pouco da Língua Portuguesa, ratificando, assim, a ideia de que elas são as guardiãs da língua, da cultura, dos conhecimentos tradicionais e demais elementos que integram o universo Krahô.

3.2. Facilidade de falar em Língua Portuguesa

Tabela 12: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de falar em Língua Portuguesa

Gênero Masculino	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Sim	01	03	08	06	18	55
Não	-	-	-	-	-	-
Um pouco	-	04	09	02	15	45
Total	01	07	17	08	33	100

Tabela 13: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de falar em Língua Portuguesa

Gênero Feminino	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Sim	-	-	03	02	05	17
Não	-	-	-	-	-	-
Um pouco	08	05	11	01	25	83
Total	08	05	14	03	30	100

Dentre os entrevistados do gênero masculino que residem na aldeia Pedra Branca, a maioria (55%) tem facilidade em falar a Língua Portuguesa. O outro grupo (45%) diz ter um pouco de

facilidade de falar em Língua Portuguesa. Entre as mulheres esse número é bem diferente, pois 17% afirma que tem facilidade de falar, e 83% dizem que falam um pouco em Língua Portuguesa. Nessa aldeia, o português só é falado nas interações intergrupos⁸, assim justifica-se o grande número de indígenas que afirmou falar um pouco nessa língua. Assuntos variados, até mesmo os que não fazem parte da cultura desse povo, são falados em Língua Krahô entre eles. Os dados demonstram, mais uma vez, que as mulheres desejam manter a identidade étnica e buscam preservar a Língua Krahô.

Verificamos, porém, por meio dos dados acima demonstrados, que o povo Krahô apresenta domínio da Língua Portuguesa no que diz respeito à fala, embora muitos tenham afirmado que têm pouca facilidade para falar nessa língua. Assim, concluímos que o domínio dessa língua trata-se também de uma demanda social emergente, pois a mesma possibilita o acesso aos diversos domínios sociais fora da aldeia. Podemos afirmar, portanto, que o português é uma língua presente e o contato dos membros dessa comunidade com a Língua Portuguesa se dá muito cedo, de forma generalizada.

3.3. Facilidade de ler em Língua Portuguesa

Tabela 14: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de ler em Língua Portuguesa

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Masculino						
Sim	-	01	03	02	06	18
Não	01	-	01	02	04	12
Um pouco	-	06	13	04	23	70
Total	01	07	17	08	33	100

Tabela 15: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de ler em Língua Portuguesa

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Feminino						
Sim	-	-	04	-	04	13
Não	01	-	03	03	07	23
Um pouco	07	05	07	-	19	64
Total	08	05	14	03	30	100

Na aldeia Pedra Branca 18% dos homens indicaram que têm facilidade de ler em Língua Portuguesa, 12% dizem que não têm facilidade, e 70% afirmam ter um pouco de facilidade no momento da leitura na língua da sociedade nacional. Já entre as mulheres a diferença é bem menor: 13% não apresenta dificuldade, 23% não têm facilidade, e 64% acreditam que têm um pouco de facilidade de ler em Língua Portuguesa. As informações revelam que as mulheres dessa aldeia ainda apresentam

⁸ Segundo Albuquerque (1999), interações intergrupos são relações que ocorrem externamente ao grupo, que se manifestam nas ligações com outros grupos, por vezes de natureza diferente. Quando os elementos de um grupo interagem coletivamente ou individualmente, com outro grupo ou membros dele, em termos da sua identificação grupal, temos uma instância de interações intergrupos.

um grau de dificuldade na leitura em Língua Portuguesa. Com efeito, o número de indígenas Krahô que tem facilidade em ler na Língua Portuguesa é bastante considerável.

Podemos constatar, ainda, que o ensino do português desde as séries iniciais contribui significativamente para que os Krahô aprendam ler nessa língua. Nas escolas indígenas Krahô, apesar de as crianças serem alfabetizadas em língua materna, depois de serem alfabetizadas, as aulas são ministradas, em grande parte, em Língua Portuguesa. Grosjean (1982) explica tal fenômeno: as crianças das sociedades minoritárias que são ensinadas na escola em língua majoritária, assimilam facilmente a língua e a cultura da sociedade dominante. Nos relatos eles destacam a necessidade de saber ler bem na língua do “Kupê”, principalmente, por causa dos aspectos socioeconômicos. Eles acreditam que devem aprender a ler em Língua Portuguesa para entrar no mercado de trabalho e, assim, ter garantia de um futuro profissional.

3.4. Facilidade de escrever em Língua Portuguesa

Tabela 16: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de escrever em Língua Portuguesa

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Masculino						
Sim	-	01	05	02	08	24
Não	-	-	02	02	04	12
Um pouco	01	06	10	04	21	64
Total	01	07	17	08	33	100

Tabela 17: Aldeia Pedra Branca - Facilidade de escrever em Língua Portuguesa

Gênero	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Feminino						
Sim	-	-	03	-	03	10
Não	03	-	01	03	07	23
Um pouco	05	05	10	-	20	67
Total	08	05	14	03	30	100

Na aldeia Pedra Branca, os homens que consideram ter facilidade em escrever na Língua Portuguesa somam 24%, os que acham que têm dificuldade representam 12%, e os que dizem ter um pouco de facilidade juntam um número de 64% dos entrevistados. Das mulheres da aldeia Pedra Branca, que responderam à pesquisa, 10% indicaram que têm facilidade de escrever em Língua Portuguesa, 23% entendem que não têm facilidade, e 67% afirmam que têm um pouco de facilidade de escrever nesta língua. Nessa aldeia, pudemos constatar que a população, em geral, escreve em português, embora alguns apresentem uma certa dificuldade. A aquisição do português se dá essencialmente na escola, ainda que o contato com essa língua ocorra em outros domínios sociais, quando e onde há presença de não indígenas.

Diante desse panorama, podemos concluir que ainda existem alguns obstáculos que impedem a aquisição da escrita em Língua Portuguesa de uma forma plena. Um dos grandes obstáculos enfrentados por uma parte dos estudantes, segundo Albuquerque (2011), é a falta de prática da escrita. De acordo com o pesquisador, para que os alunos indígenas desenvolvam a habilidade de escrita é necessário que estes pratiquem bastante a escrita, que façam observações da estrutura gramatical, comparações em todas as situações de contato com esta, tanto dentro quanto fora da escola. Sobre o desenvolvimento da escrita pelos alunos indígenas, Albuquerque nos afirma que

a produção de textos elaborada por professores e alunos indígenas, mesmo que seja em Língua Portuguesa, contribui também para que a sociedade não indígena conheça e entenda melhor as sociedades indígenas e se enriqueça culturalmente (ALBUQUERQUE, 2011, p. 73).

Durante as aulas, os professores e alunos indígenas produzem vários textos em português e, por meio desses textos, eles retratam de forma detalhada elementos da cultura e dos conhecimentos do povo Krahô. Na escola indígena, em geral, há, ainda, uma preocupação em ensinar e valorizar a escrita em Língua Portuguesa, como forma de suprir uma demanda existente em todas as escolas indígenas do país.

3.5. Língua mais fácil de aprender

Tabela 18: Aldeia Pedra Branca - Língua mais fácil de aprender

Gênero Masculino	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Krahô	01	07	16	08	32	97
Portuguesa	-	-	-	-	-	-
Ambas	-	-	01	-	01	3
Total	01	07	17	08	33	100

Tabela 19: Aldeia Pedra Branca - Língua mais fácil de aprender

Gênero Feminino	FAIXA ETÁRIA				Total	%
	8-12	13-18	19-39	40 ou mais		
Krahô	01	05	12	03	21	70
Portuguesa	07	-	-	-	07	23
Ambas	-	-	02	-	02	7
Total	08	05	14	03	30	100

Na aldeia Pedra Branca os homens que consideram a Língua Krahô como a língua mais fácil de aprender representam 97% do todo. Somente 3% dos homens entrevistados dizem que ambas as línguas são fáceis de aprender. Das mulheres que foram entrevistadas nessa aldeia, 70% acreditam que a Língua Krahô é a língua mais fácil de aprender. Um número considerável de mulheres (23%) disse

que a língua mais fácil de aprender é a Língua Portuguesa, e um pequeno número (7%) considera que ambas as línguas são fáceis de aprender. Esses dados comprovam que a língua mais fácil de aprender é sempre a língua adquirida em casa com o contato dos pais e também do contato com a comunidade. É importante considerarmos que, ao adquirir a língua materna, o indivíduo adquire também os valores sociais, a identidade e a cultura de seu povo, o que o faz sentir-se parte integrante e identificar-se com a primeira língua adquirida.

Considerações finais

Em nosso trabalho, descrevemos alguns dos aspectos sociolinguísticos dos Krahô de Pedra Branca. Por meio dos dados, que foram colhidos através de questionário sociolinguístico, demonstramos a facilidade linguística em Língua Krahô e em Língua Portuguesa.

Sobre a facilidade linguística em Língua Krahô, os resultados comprovam que esse povo apresenta vários graus de bilinguismo e nas relações intragrupos usam somente a língua materna. Os dados revelam a facilidade linguística em língua materna Krahô também no processo de leitura e escrita. A Língua Krahô está presente nos diversos domínios sociais e é falada no convívio familiar, nas reuniões, cerimônias da aldeia, funerais, festas, no trabalho e também na escola.

O grau de bilinguismo dos Krahô é revelado também no domínio da escrita e da leitura apresentado pelos entrevistados. Observamos que a leitura e escrita em Língua Krahô são consideradas mais fáceis que na Língua Portuguesa, o que é considerado natural, tendo em vista que é mais fácil expressar-se, seja de forma oral ou escrita, em língua materna. Os dados revelam que a maioria dos Krahô, tanto do gênero masculino, quanto do feminino, têm facilidade de escrever e ler em Língua Krahô. Enquanto que alguns entrevistados ainda não dominam completamente a escrita e a leitura em Língua Portuguesa. Essa realidade pode ser explicada pelo fato de eles terem contato com a Língua Portuguesa apenas depois da entrada na escola, e por terem sido alfabetizados em Língua Krahô.

Nossos dados comprovam, ainda, que o povo Krahô da Aldeia Pedra Branca tem uma boa receptividade em relação à Língua Portuguesa e que ele reconhece a importância da aquisição dessa língua. Alguns relatos evidenciam que, para os Krahô, a Língua Portuguesa não é somente a língua do poder ou uma ferramenta de controle, mas é um instrumento que pode proporcionar oportunidades e trazer melhorias para eles. Apesar de constatarmos essa boa receptividade em relação à Língua Portuguesa, os dados nos mostram que, ao longo do processo de contato com a sociedade brasileira, eles vêm mantendo a sua língua fortalecida. A proximidade das cidades às reservas, a entrada permanente de agências, como Funai, Funasa, CTI, Ibama, Seduc, Missões e pesquisadores não comprometeram o fortalecimento da Língua Krahô. O uso da Língua Portuguesa se restringe somente à comunicação com os representantes desses órgãos, quando estes não dominam a Língua Krahô.

Ademais, o reconhecimento do valor linguístico que a Língua Krahô representa para esse povo é bem marcante, principalmente porque o comportamento linguístico dos Krahô é intrinsecamente ligado à identidade étnica, o que contribui com a valorização e preservação da cultura e da língua

materna. Em virtude disso, concluímos que a Língua Krahô é uma língua viva e que os participantes são, portanto, bilíngues que têm na sua língua um importante marcador de identidade e de cultura. Na aldeia Pedra Branca há uma política de fortalecimento da língua indígena e todos os conhecimentos e saberes tradicionais Krahô são transmitidos às crianças, em língua materna, garantindo, dessa forma, a manutenção da língua e da cultura às próximas gerações.

Referências

ABREU, Marta Virginia de Araújo Batista Abreu; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. A sociolinguística e a sua importância para estudos linguísticos. *J Business Techn*, v. 1, pp. 125-39, 2020.

ABREU, Marta Virginia de Araújo Batista Abreu; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Aspectos Históricos do Povo Indígena Krahô: Um breve relato sobre o contato com a sociedade brasileira. *Espaço Ameríndio (UFRGS)*, v. 12, pp.132-43, 2018.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. *Contato dos Apinayé de Riachinho e Bonito com o Português: Aspectos da Situação Sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 1999.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. O sentido e a função da leitura e da escrita para as crianças Apinayé de Mariazinha. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges (org.). *A Educação Escolar Apinayé na perspectiva bilíngue e intercultural*. Goiânia: Ed. Da PUC. Goiás, 2011. pp. 41-63.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. A aquisição da escrita pelas crianças Apinayé de São José. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges (org.). *A Educação Escolar Apinayé na perspectiva bilíngue e intercultural*. Goiânia: Ed. Da PUC. Goiás, 2011. pp.65-94.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; Silva, A. B. S. Educação indígena Krahô: material de apoio pedagógico. indigenous education krahô: educational material. *Entreletras* (online), v. 6, p. 199-210, 2015.

ALBUQUERQUE, F. E.; Leite, F. F.; Castro, H. C. Saberes tradicionais e relações interculturais do povo indígena Krahô. *Revista Cocar (online)*, v. 10, p. 431, 2016.

ALMEIDA, Severina Alves de. *A Educação escolar indígena Apinayé na perspectiva bilíngue e intercultural: Um estudo sociolinguístico das aldeias São José e Mariazinha*. Dissertação de Mestrado. Araguaína: UFT, 2011.

BRAGGIO, S. L. B. Situação sociolinguística dos povos indígenas dos Estados de Goiás e Tocantins: subsídios educacionais. *Revista do Museu Antropológico*. Goiânia, UFG, v.1 n.1, pp.1-76, jan./dez.1992.

BRAGGIO, S. L. B. Aquisição e Uso de Duas Línguas: Variedades, Mudança de Código e Empréstimo. *Revista da Abralin*, número especial dedicado a Aryon D. Rodrigues, n. 20, UFAL, 1997.

BRANCO, R. A. (org.) *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*. Portugal: Campos das Letras, 2001.

BRASIL. *Lei Ordinária Nº 6001, de 19 de dezembro de 1973*. Dispõe Sobre o Estatuto do Índio. Disponível em www.planalto.gov.br. Acesso em: 19 jun. 2012.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FISHMAN, Joshua A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Issues*, pp. 29-38, 1967.

FISHMAN, Joshua A. Language Maintenance, Language Shift, and Reversing Language Shift. In: BHATIA, Tej K. & RITCHIE, William C. (eds.). *The handbook of bilingualism*. Malden; Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006, pp. 406-36.

FISHMAN, Joshua A. A Sociologia da linguagem. In: FONSECA, M. S. V. & NEVES, M. F. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, pp. 25-39, 1980.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Harvard University Press, 1982.

HAMEL, R. E. La Política del lenguaje y el conflicto interétnico – Problemas de investigación sociolingüística. In: ORLANDI, Eni PULCINELLI. *Política Lingüística na América latina*. São Paulo: Pontes, 1988.

HAMEL, R. E. & SIERRA, M. T. Diglossia y conflicto intercultural - la lucha por un concepto o la danza de los significantes. *Boletín de Antropología Americana* 8. Instituto Panamericano de Geografía e Historia, pp. 98-110, 1983.

MUÑOZ, Hector. *Questionário (Manuscrito)*. Campinas, 1991.

RCNEI. *Referencial Curricular Nacional par as Escolas Indígenas*. MEC Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SPOLSKY, B. *Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

ZIMMER, M.; FINGER, I.; SCHERER, L. Do bilinguismo ao multilinguismo: interseções entre a psicolinguística e a neurolinguística. *Revista Revel*, v. 6, n. 11, pp. 1-28, 2008.